

INTRODUÇÃO

Eu sou apenas poetisa: poetisa nos versos e miseravelmente na vida, por mal dos meus pecados. Não sei fazer mais nada a não ser versos; pensar em verso e sentir em verso. Predestinações...

Florbela Espanca (1912–30: 291)

Sabe-se da importância excepcional da escrita para a psicanálise, uma vez que, ao escrever, tenta-se dar conta das emergências do real. O autor, ou texto, é apreciado em função da afetação sintomática de cada sujeito, ou seja, o leitor decifra os escritos de um autor à luz de seus sintomas. A escrita, nesses termos, é um ajuntamento de tudo que se lê, com uma pitada da subjetividade de quem escreve. Por isso, Nadiá Paulo Ferreira diz: “Diante de um texto, fala-se de sua articulação significante a partir do sintoma” (Ferreira, 2008: 11).

Florbela Espanca privilegiou o amor e a dor como temas. “Amor que compreende mil amores,/ Amor que tem em si todas as dores,/ Amor que nem eu sei o que ele encerra...” (Espanca, 1915–31: 314). Amor e dor, no entanto, são questões que afligem todos os sujeitos, constituindo-se em temas afins e recorrentes na literatura. Pres-tam-se assim a ser repetidos, sobretudo quando se considera que a psicanálise trata justamente da importância da repetição para o surgimento do novo.

Como toda escrita guarda palavras alheias, somos passageiros da voz do outro. Nas palavras de Ruth Silviano Brandão: “Passageiros da voz alheia, somos nós, leitores, que escrevemos e tentamos nos reconhecer nos textos-espelhos em que nos debruçamos. Identificação criada pelo fascínio” (Brandão, 2006: 13).

Este livro tem como objetivo investigar a trajetória de Florbela Espanca por intermédio de sua escrita poética,¹ bem como suas ligações com o amor e a dor. Na psicanálise, a literatura tem valor imensurável. Não por acaso, Sigmund Freud recorreu constantemente aos poetas para ilustrar suas ideias, pois via nos textos literários a possibilidade de legitimar diversos achados psicanalíticos.

Ao adotar a ótica psicanalítica para analisar a obra de Florbela, não se pretende, todavia, psicanalisar a poeta, mesmo porque não se pode psicanalisar uma pessoa que já morreu. Nem psicanalisar sua obra, posto que a obra literária é mais do que um simples testemunho ou sintoma. Trata-se aqui não de “aplicar” conceitos psicanalíticos à obra literária, e sim de apontar coincidências significativas entre a obra de Florbela Espanca e a teoria psicanalítica. As referências teóricas de base são as obras de Freud e Jacques Lacan, bem como de alguns outros estudiosos que se debruçaram sobre o que ambos teorizaram. A produção literária de Florbela Espanca apresenta testemunhos do inconsciente, ilustrando um saber sobre o homem e sua existência no mundo. Justo por isso, sua obra é depositária de questões que afetam o sujeito e são retomadas pela teoria psicanalítica.

No primeiro capítulo, situo culturalmente o lugar e a importância de Florbela Espanca no contexto do início do século xx e, em particular, na literatura portuguesa. Florbela queria ser “uma

1 Embora a obra literária de Florbela Espanca compreenda verso e prosa, abordarei apenas a sua produção poética, buscando sempre ressaltar possíveis articulações entre a literatura e a psicanálise.

mulher independente e livre”, não acatou a educação feminina tradicional que a rodeava e teve de enfrentar vários obstáculos para afirmar-se como escritora. Por que sua obra provocou tanto deslumbramento quanto rejeição na sociedade portuguesa?

O segundo capítulo versa sobre o amor, tema que norteia toda a poesia florbeliana. Seu título alude a um soneto de Florbela que aborda a constante procura do amor como promessa de felicidade. Embora Lacan se refira a várias modalidades de amor, privilegio neste trabalho o amor paixão, no qual se nota a denegação da castração, haja vista este ser tido como a via pela qual se poderia encontrar a plenitude.

Já o terceiro capítulo aborda as outras faces do amor. Nele, discorro sobre a dor, em especial como fonte de gozo, tomando em consideração as porções destrutivas e construtivas amalgamadas na dinâmica do inconsciente e evidenciadas na íntima relação entre o amor e a morte.

O capítulo seguinte, por sua vez, realiza um estudo sobre o texto freudiano “Luto e melancolia” (1917), procurando articulá-lo com a poesia de Florbela Espanca. Assim, dá-se atenção especial ao seu primeiro volume de poemas, *Livro de mágoas* (1919), em que ela trata de temas ligados às sombras e às dores, e projeta uma imagem melancólica de si.

O quinto e último capítulo, intitulado “Uma vida escrita”, recolhe informações biográficas e busca assinalar correspondências entre a vida e a obra da poetisa, bem como sugere a ocorrência de uma *escrita de si* ou do *inominável*. Florbela apela a temáticas que afetam o ser falante, referindo-se ao que é insuportável para o sujeito. Como se verá, em sua escrita, ela canta o impossível de ser dito.

Na conclusão, enfim, tento refletir brevemente sobre o enlçamento da dor e do amor tanto na psicanálise quanto na obra de Florbela Espanca. Diante da impossibilidade de resgatar a complexidade perdida pelo viés do amor, apela-se para dor? Será essa a questão maior que se decanta de sua obra?